



EDITORIAL

Wallace de Moraes

Cello Latini Pfeil

É com enorme prazer que anunciamos mais um número da READ (Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais) da UFRJ. Ao longo das nossas trajetórias no magistério superior percebemos excelentes trabalhos/pesquisas realizadas por graduandos – alguns com viés decolonial e outras com viés anarquista. Eles esbarravam em um problema: não tinham onde publicar seus pensamentos, pois como sabemos, nossas universidades são eurocentradas e veneram muitos autores racistas, homens cisgêneros brancos europeus. Não havia espaço para criticar os “clássicos”. Muito ao contrário: no decurso das ciências sociais ensina-se aos alunos venerar um saber que não privilegia pensadores negros, indígenas, mulheres independentes, membros das comunidades LGBTQIAP+, anarquistas. Existe um epistemicídio que atenta contra esses saberes. Temos orgulho de seguirmos na contramão dessa tendência. Aqui é o lugar para o saber rebelde, revolucionário, decolonial, antirracista,

anti-trans/homofóbico, anti-Estadolátrico, socialista, anarquista, horizontal. As defesas da liberdade e da igualdade devem ocupar lugar central. Os artigos que seguem nesse número cumprem essa louvável função.

Iniciamos a presente edição com o artigo “Telejornalismo policial brasileiro: um instrumento de manutenção do terror e conservação do Estado”, de Matheus Alves Lira Pereira. O autor realiza uma análise do telejornalismo policial brasileiro por um viés libertário e anti-capitalista, compreendendo o Estado como produtor de violências institucionais e da mídia televisiva como reprodutora de terror sensacionalista sob justificativa de proteção da sociedade. A perspectiva de análise adotada é anarquista, trazendo autores como Bakunin, Kropotkin, Malatesta e De Moraes. Trata-se de um excelente artigo que aborda o cotidiano de milhões de pessoas alimentadas por uma visão do ódio pelos pobres rebeldes que em sua maioria são negros. Matheus Pereira realmente com sua pesquisa contribui de maneira exemplar para uma crítica mais que necessária da colonialidade do saber imposta na nossa sociedade.

O segundo artigo “Abolir visibilidades anti-*negras*: transtornando o olhar-espectador e a emancipação colonial” de José Juliano Gadelha constitui-se como uma convocação do olhar anticolonial, da imaginação radical e do estabelecimento de novos olhares sobre os horizontes *negros*, em oposição à visão-colônia. José Gadelha ao resgatar e dar protagonismo ao pensamento negro cumpre um papel extraordinário nessa universidade eurocentrada. Sua condução foi cirúrgica e merece todo nosso respeito.

Gabrielly Sabóia Gonçalo de Araújo assina o nosso terceiro artigo denominado: “O cinema e a favela: a figura da mulher negra periférica no filme “Antônia”. A autora aborda a questão da construção de olhares negros, analisando as representações femininas negras e periféricas no filme “Antônia” (2006), comprando-as à realidade cotidiana e à violência de Estado. Ela demonstra como a governança sociocultural (De Moraes, 2018) se materializa na produção de conteúdo midiático e no reforço de estereótipos racistas. Desta forma, Araújo utiliza a literatura decolonial e libertária para interpretar o papel da mulher negra em uma produção cinematográfica, preenchendo uma lacuna nas pesquisas universitárias.

Por fim, o nosso quarto artigo é assinado por Alan Fernandes e intitula-se “Do paternalismo à autonomia”. Ele implementa uma análise das eleições gerais de 2022 no Brasil. Como parte do referencial teórico anarquista, Fernandes critica o processo eleitoral,

segundo o qual não representa as vontades do povo, mas sim as dos governantes. Com efeito, ele compreende que tanto a esquerda, quanto a direita (e demais organizações políticas partidárias), reproduzem a dinâmica da dominação, renovando seus alçozes de tempos em tempos. O povo não é instado a se autogovernar. Leitura importantíssima para os militantes e teóricos do anarquismo.

Partindo para os ensaios, temos a reflexão de Thiago David Stadler: “Democracia do Qualquer-Um”. Com muita ironia, o autor incorpora, em primeira pessoa, o ficcional discurso político de um político “qualquer”, membro de um partido “qualquer” em uma campanha eleitoral qualquer e baseada em mentiras. Trata-se de uma crítica recheada de picardia desde uma perspectiva anarquista sobre o funcionamento das nossas eleições. Em seguida, apresentamos o ensaio “Uma visão decolonial da final da copa do mundo de futebol”, de Wallace de Moraes, que reflete sobre o significado de uma seleção da América Latina só ter jogadores brancos e uma seleção europeia terminar a partida com nove jogadores negros e dois brancos. Como explicar? O autor faz um breve percurso sobre porque a sociedade argentina é praticamente branca em um território habitado por indígenas (antes do colonialismo) e porque a seleção francesa é majoritariamente negra. Todavia, o ponto alto do ensaio é o fato de o racismo no futebol se expressar majoritariamente por impedir negros de ocuparem espaços de comando no futebol. Esse seria a materialização da colonialidade do saber que permite que existam jogadores negros, mas os impedem de ser técnicos ou dirigentes. Assim, escancara as colonialidades..

Esperançamos que o ano de 2023 seja da ação direta, da horizontalidade, do antirracismo, de autogoverno, da liberdade para as comunidades LGBTQIAP+, que ninguém passe fome, que todos tenham moradia decente, sejam respeitados em todas as suas opiniões. Desejamos muito amor! Feliz 2023!